

Outubro Rosa em 2025

elas por elas

Publicação da Rede Mater Dei de Saúde



A voz que fala rosa

04 histórias de coragem e vida

Verdade ou Mito

Combatendo preconceito com informação

Reconstrução mamária

Uma história feita por mãos que ousaram criar

Outubro Rosa

A história do movimento e a Rede Mater Dei de Saúde nessa história

juntas
pela prevenção

+ Mater Dei
Rede de Saúde

Uma cor, um símbolo

Em outubro, o rosa floresce em nossos corações, não apenas como uma cor, mas como um símbolo poderoso de conscientização, esperança e união. Este é o mês em que o mundo se volta para a importância da prevenção e do diagnóstico precoce do câncer de mama, uma causa que toca a vida de inúmeras mulheres e suas famílias. Na Rede Mater Dei de Saúde, acreditamos que o cuidado é um ato de amor e que a informação é a nossa maior aliada nesta jornada.

É com grande satisfação que apresentamos a 1ª edição da Revista Elas por Elas, cuidadosamente elaborada para ser um farol de conhecimento e apoio. Mergulhe conosco em um conteúdo que desmistifica, orienta e inspira, refletindo o compromisso da Rede Mater Dei com a saúde integral da mulher. Nossa estrutura dedicada ao diagnóstico e tratamento do câncer de mama está ao seu lado, oferecendo tecnologia avançada e uma

equipe multidisciplinar diferenciada, que acolhe e cuida em cada etapa.

Nestas páginas, você encontrará um convite à reflexão e à ação. Abordaremos temas, como Prevenção começa com informação, destacando a importância do conhecimento para a sua saúde, a campanha Elas por Elas, um movimento de solidariedade e apoio mútuo, desvendaremos mitos e verdades em Verdade ou Mito e, como podemos ir Muito além da campanha, explorando a importância do cuidado contínuo.

Em cada página você encontrará caminhos e respostas sem deixar de se emocionar com histórias de superação e vida.

Que cada conteúdo aqui abordado seja um abraço, um incentivo e uma fonte de empoderamento. Juntos, fazemos a diferença.

Desejo a todos uma excelente leitura.

Mergulhe conosco em um conteúdo que desmistifica, orienta e inspira, refletindo o compromisso da Rede Mater Dei com a saúde integral da mulher.



José Henrique Dias Salvador
Presidente da Rede Mater Dei de Saúde

Nós por elas

Outubro Rosa, a história do movimento e a Rede Mater Dei de Saúde nessa história.

Por Henrique Salvador e Ezio Novais Dias

Segundo a Organização Mundial da Saúde, atualmente são detectados cerca de 2,5 milhões de novos casos de câncer de mama a cada ano em todo o planeta, e a estimativa é que teremos quase 3 milhões de novos casos anuais da doença por volta de 2030. São números que demonstram, de forma clara, que o câncer de mama se tornou, ao longo das últimas décadas, um grave problema de saúde pública.

Por outro lado, tivemos uma fantástica evolução da Mastologia, da Oncologia e das especialidades a elas vinculadas — tanto no diagnóstico precoce quanto no tratamento do câncer de mama —, o que levou a índices de cura acima de 90%. Ao lado da espetacular evolução da ciência, com a descoberta de novos métodos terapêuticos, acompanhamos, ao longo dos últimos anos, uma significativa ampliação das medidas voltadas à prevenção e ao diagnóstico precoce, especialmente o rastreamento por meio da mamografia.

Todos esses fatores, aliados à intensificação da difusão da informação — através das inúmeras campanhas realizadas em todo o mundo, simbolizadas principalmente pelo Outubro Rosa — trouxeram uma nova perspectiva para o enfrentamento de uma doença que chegou a ser considerada incurável até a primeira metade do século passado.

A Mastologia brasileira tem uma bela história de 66 anos, desde julho de 1959, quando o médico carioca Alberto Lima de Moraes Coutinho, um dos pioneiros da Cancrologia no Brasil, fundou no Rio de Janeiro a Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM), instituição que tivemos a honra de presidir

(Henrique Salvador / 1995–1998; Ezio Novais / 2001–2004). A SBM foi — e continua sendo — fundamental para o crescimento da especialidade em nosso país.

Ao longo das últimas décadas, nós, mastologistas, vimos uma história de conquistas e crescimento constante passar diante dos nossos olhos e, todos nós, de alguma forma, tivemos uma participação importante na construção dessa trajetória. Hoje, podemos dizer com orgulho que a Mastologia brasileira é respeitada e reconhecida como uma das mais avançadas do mundo — e isso é extremamente gratificante. Traz-nos uma indescritível sensação de dever cumprido.

Entre as tarefas mais nobres da Sociedade Brasileira de Mastologia, sempre estiveram em destaque as campanhas de prevenção do câncer de mama, com o intuito de reduzir a mortalidade pela doença. A SBM realizou, em 1989, a primeira grande campanha nacional de prevenção e detecção precoce do câncer de mama, com o apoio do Ministério da Saúde e a participação marcante da atriz Cássia Kiss. A partir daí, inúmeras campanhas de conscientização foram realizadas, com adesão crescente dos diversos estados brasileiros.

Em 1991, nasceu nos Estados Unidos a campanha do Laço Rosa, idealizada e promovida pela Fundação *Susan G. Komen*. Por concentrar suas ações mais intensamente no mês de outubro, a Fundação lançou o “*Rose October*” (Outubro Rosa), campanha que se tornou, ao longo dos anos seguintes — especialmente a partir do século XXI —, o principal símbolo do combate ao câncer de mama em todo o mundo.

No Brasil, a primeira manifestação do Outubro Rosa ocorreu em São Paulo, em 2002, quando um monumento do Parque do Ibirapuera foi iluminado de rosa no início do mês de outubro. Nos anos seguintes, o mundo inteiro passou a adotar essa ação emblemática e, hoje, vemos um número cada vez maior de monumentos e prédios sendo iluminados de rosa durante o mês de outubro em todo o planeta.

A Rede Mater Dei sempre se envolveu e aderiu às campanhas de prevenção do câncer de mama. No início, nossa atuação era voltada para ações de conscientização da população, com palestras em empresas e para o público em geral, orientando sobre a importância do autoexame — como instrumento de estímulo ao autoconhecimento corporal da mulher — e, principalmente, difundindo a necessidade da realização periódica da mamografia a partir dos 40 anos para mulheres assintomáticas.

Em 2010, iniciamos também uma ação de prevenção do câncer de mama voltada para pacientes não pagantes, oferecendo mamografias gratuitas para mulheres a partir dos 40 anos.

Por meio dessa ação, realizada anualmente em um sábado de outubro ou novembro, a Rede oferece uma consulta com mastologis-

ta e o encaminhamento para a realização da mamografia de rastreamento. Quando alguma alteração é detectada, a mulher segue com a propedêutica nos serviços da Rede Mater Dei, sempre de maneira gratuita.

Essa ação ocorre há 15 anos, de forma ininterrupta, e conta com o apoio do corpo clínico multiespecializado da Rede Mater Dei, envolvendo mastologistas, oncologistas, patologistas, ultrassonografistas, radioterapeutas, médicos nucleares, ginecologistas e psicólogos, entre outros profissionais. Milhares de mulheres já foram atendidas nesse programa, demonstrando sua relevância direta para a vida dessas pacientes, além de seu papel de conscientização da população em geral.

Seguindo essa vocação, mais uma vez a Rede Mater Dei se engaja nessa luta, promovendo uma campanha autoral de Outubro Rosa, que enaltece outro aspecto fundamental para a prevenção e o tratamento do câncer de mama: a rede de apoio, sobretudo feminina, que estimula o autocuidado e se fortalece mutuamente ao longo de toda a jornada.

Esta revista, *Elas por elas*, com linguagem atual e sensível, reforça o caráter de vanguarda da Rede Mater Dei de Saúde na promoção da saúde, aliando tecnologia e ciência a um cuidado humanizado.



Henrique Salvador

Presidente do Conselho de Administração da Rede Mater Dei de Saúde
Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Mastologia
Membro Titular da Academia Nacional de Medicina
Membro Fundador da Academia Brasileira de Mastologia
Professor Livre Docente de Ginecologia



Ezio Novais Dias

Diretor Médico do Hospital Mater Dei Salvador
Coordenador da Saúde Feminina do Hospital Mater Dei Salvador
Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Mastologia
Ex-Presidente da Sociedade Mundial de Mastologia
Membro Fundador e atual Presidente da Academia Brasileira de Mastologia



21

Depoimentos emocionantes

Prevenção começa com informação, **pg 06**

A Campanha "Elas por Elas", **pg 07**

Mastologia, **pg 08**

Verdade ou Mito, **pgs 10 e 11**

Muito além da campanha, **pgs 12 e 13**

Quero me cuidar. Por onde começar?, **pgs 14 e 15**

Tenho câncer. E agora?, **pg 16**

Equipe multi, **pgs 17 e 18**

Desmistificando a Quimioterapia, **pgs 19 e 20**

A voz que fala rosa, **pgs 21 a 29**

História da reconstrução mamária, **pgs 30 a 32**

O mapa do cuidado, **pgs 34 e 35**





elas^{por} elas

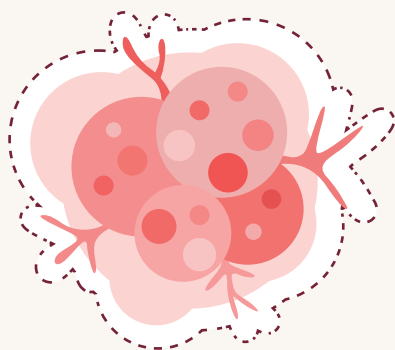
Falar sobre o outubro rosa é
falar sobre cuidado, sobre olhar
para si com carinho e sobre
a força que existe quando
caminhamos juntas.



Prevenção começa com informação

Entender a doença, fatores de risco e o impacto dos nossos hábitos na nossa saúde também fazer parte da estratégia de prevenção.

O câncer de mama acontece quando algumas células da mama começam a crescer de forma desordenada, formando um tumor maligno.



Embora o nome assuste, é importante lembrar: quando descoberto cedo, ele tem grandes chances de cura. A maioria dos casos não é hereditária, ou seja, mesmo quem não tem histórico familiar deve se manter atenta.

O segredo está na prevenção, na escuta do próprio corpo e na realização dos exames de rotina.

Alguns fatores podem aumentar o risco de desenvolver a doença, como ter mais de 45 anos, histórico familiar, sedentarismo, excesso de peso, consumo de álcool e uso prolongado de hormônios. Mas ter um fator de risco não significa ter a doença, apenas reforça a importância do acompanhamento médico e do cuidado constante.

Pequenas escolhas no dia a dia também fazem diferença: manter uma alimentação equilibrada, praticar atividade física regularmente, evitar o consumo de bebidas alcoólicas e o cigarro. E, claro, realizar a mamografia, que costuma ser indicada a partir dos 40 anos, ou antes, quando há histórico familiar.

Cuidar do corpo é um gesto de amor — consigo mesma e com quem se ama.

A campanha elas por elas

Acreditamos que falar sobre o outubro rosa é também criar espaços de escuta, apoio e informação. Porque o amor que a gente oferece começa no amor que a gente tem por si.

A campanha deste Outubro Rosa na Rede Mater Dei traz um convite: olhar para si com carinho e olhar para o outro com cuidado. Porque nenhuma mulher caminha sozinha.

“Elas por Elas” é um lembrete da força que nasce dos laços femininos — de mães, filhas, avós, amigas, colegas de trabalho. É o conselho que chega no momento certo, o abraço que conforta, a lembrança do exame, a presença na consulta. Essa rede de apoio entre mulheres é um abrigo e também um impulso, que transforma medo em coragem e incerteza em esperança.

Com uma programação especial voltada à conscientização, à informação e ao acolhimento, o Outubro Rosa da Rede Mater Dei ganha vida em cada uma das nossas unidades.

Ao longo do mês, a campanha vai ocupar espaços da cidade e dos hospitais com ações voltadas à conscientização e ao acolhimento. Palestras e encontros com especialistas vão ajudar mulheres a tirarem dúvidas e entenderem melhor como se prevenir. Atividades ao ar livre e eventos especiais vão lembrar que saúde também se cuida no dia a dia, com movimento e bem-estar.

Histórias inspiradoras de pacientes e profissionais serão compartilhadas para mostrar que ninguém está sozinha nessa jornada. E cada detalhe, das ativações nos hospitais às experiências criadas especialmente para o público, foi pensado para informar, acolher e fortalecer essa rede de apoio.



Mastologia

Ciência, acolhimento e cuidado ao longo da vida



A mastologia, especialidade médica dedicada ao estudo, prevenção, diagnóstico e tratamento das doenças da mama, nasceu do olhar atento e sensível sobre uma parte do corpo que vai muito além da biologia. Mais do que um campo da medicina, a mastologia representa a união entre ciência, acolhimento e escuta.

A história da especialidade começa a se consolidar no mundo a partir da década de 1950, acompanhando o avanço das técnicas cirúrgicas e o desenvolvimento da oncologia moderna. No Brasil, a mastologia ganhou força com a criação da Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM), em 1959, que marcou o reconhecimento oficial da área e a formação de equipes voltadas exclusivamente à saúde das mamas. Desde então, o papel do mastologista vem se transformando – de um médico focado no tratamento de doenças graves para um profissional que acompanha as mulheres em todas as fases da vida, da adolescência à maturidade.

Embora o câncer de mama seja a condição mais conhecida, o mastologista também atua em uma ampla gama de situações: dor mamária, secreção, inflamações, alterações

hormonais, nódulos benignos, assimetrias, orientação sobre amamentação e cirurgias reparadoras ou estéticas. O acompanhamento com esse especialista ajuda a prevenir complicações, oferece segurança emocional e garante que cada paciente receba o cuidado mais adequado à sua realidade.

A mama, para além do seu papel fisiológico, sempre esteve ligada ao feminino. É símbolo de nutrição, acolhimento e vínculo entre gerações. Representa também feminilidade, autoestima e identidade. Por isso, quando há qualquer alteração, o impacto vai muito além do físico – alcança o emocional, o psicológico e o social. O mastologista, dessa forma, é mais do que um médico: é um parceiro nessa jornada, capaz de unir conhecimento técnico e sensibilidade humana.

Na Rede Mater Dei de Saúde, o cuidado mastológico é guiado por essa visão integral. Em todas as unidades, equipes multidisciplinares trabalham de forma conjunta, com tecnologia de ponta, acolhimento e atenção individualizada. Cada consulta, cada exame e cada orientação reforçam a mensagem de que a saúde das mamas é parte essencial do bem-estar feminino, e que o autocuidado é uma forma poderosa de amor.

Coordenação de Mastologia na Rede

BELO HORIZONTE

Dra. Anna Dias Salvador
Dr. Waldeir de Almeida Júnior
Dr. José Tadeu Avelar

UBERLÂNDIA | SANTA GENOVEVA

Dra. Jackeline Ribeiro Oliveira Guidoux

UBERLÂNDIA | SANTA CLARA

Dr. Luiz Alessandro de Moraes

GOIÂNIA

Dra. Mariana Silva Lôbo

SALVADOR

Dr. Leonardo Novais Dias

EMEC - FEIRA DE SANTANA

Dra. Elisana Caires



Verdade ou mito

Quando o assunto é câncer de mama, ainda existem muitas dúvidas e informações equivocadas circulando por aí. Entender o que é verdade e o que é mito é fundamental para cuidar da saúde de forma consciente e segura.

O câncer de mama acontece quando algumas células da mama passam a se multiplicar de forma desordenada, formando um tumor maligno. Ele pode surgir tanto na mama quanto na região das axilas, e é o tipo de câncer mais comum entre as mulheres no Brasil e no mundo, depois do câncer de pele não melanoma, representando cerca de 28% dos novos casos todos os anos.

Isso é verdade!

A boa notícia é que, quando descoberto cedo, tem grandes chances de cura. Por isso, a informação é tão importante quanto a prevenção. **Vamos desvendar alguns dos principais mitos?**

“APENAS MULHERES MAIS VELHAS TÊM CÂNCER DE MAMA”

Embora a maioria dos casos aconteça após os 50 anos, mulheres mais jovens também podem desenvolver a doença. Por isso, mesmo antes dessa idade, é fundamental manter o acompanhamento médico e ficar atenta a qualquer alteração nas mamas.

“HOMENS NÃO TÊM CÂNCER DE MAMA”

Homens também possuem tecido mamário, e embora seja raro, o câncer pode acontecer neles – especialmente após os 60 anos. A atenção a sinais como nódulos ou secreção pelo mamilo também é necessária.

“O USO DE DESODORANTE ANTITRANSPIRANTE CAUSA CÂNCER DE MAMA”

Não há evidências científicas que comprovem essa relação. O uso de desodorantes antitranspirantes não está associado ao desenvolvimento do câncer de mama.

“QUEM NÃO TEM HISTÓRICO FAMILIAR NÃO CORRE RISCO”

Cerca de 85% dos casos de câncer de mama acontecem em mulheres sem histórico familiar. Ter um estilo de vida saudável e realizar exames de rotina são atitudes essenciais para todas, independentemente do histórico.



**“TENHO HISTÓRICO FAMILIAR,
LOGO TEREI CÂNCER”**

Ter histórico familiar aumenta o risco, mas não é uma sentença. Se você tem histórico familiar, converse com seu médico sobre o momento e periodicidade para realização dos exames de rastreamento.

**“APENAS QUEM TEM NÓDULO
SENTE SINTOMAS”**

Embora o nódulo seja o sinal mais conhecido, outros sintomas também podem aparecer, como alterações na pele, secreções, inversão do mamilo ou mudança no formato da mama. Qualquer sinal diferente deve ser avaliado por um médico.

**“PRATICAR ATIVIDADES FÍSICAS OU
TER UMA VIDA SAUDÁVEL ELIMINA
TOTALMENTE O RISCO”**

Ter hábitos saudáveis reduz bastante as chances de desenvolver a doença, mas não elimina o risco completamente. Por isso, mesmo quem tem uma rotina equilibrada precisa manter o acompanhamento médico e realizar os exames indicados.

**“FAZER MAMOGRAFIA EXPÕE A
UMA RADIAÇÃO PERIGOSA”**

A quantidade de radiação utilizada na mamografia é extremamente baixa e segura. O benefício do exame – detectar precocemente o câncer – supera em muito qualquer risco.

**“BABOSA (OU OUTROS PRODUTOS
NATURAIS) CURAM O CÂNCER”**

Nenhum alimento, planta ou receita caseira substitui o tratamento médico. Alguns podem até ajudar no bem-estar geral, mas apenas o acompanhamento profissional e as terapias adequadas são capazes de tratar a doença.

**“PRÓTESE DE SILICONE
AUMENTA AS CHANCES DE
CÂNCER DE MAMA”**

As próteses não aumentam o risco de câncer. Elas podem, em alguns casos, dificultar um pouco a visualização das mamas no exame, mas com técnicas adequadas o diagnóstico continua eficaz.

“CÂNCER PEGA”

O câncer não é contagioso. Não se transmite pelo toque, beijo, abraço ou qualquer outro tipo de contato. Apoiar e estar perto de quem está passando pelo tratamento é fundamental.

Elas por Elas é também sobre isso:
espalhar informação correta, acolher
com empatia e lembrar que, juntas,
somos mais fortes.

Muito além da campanha

A importância da prevenção e do cuidado contínuo com a saúde da mulher.

Por Anna Dias Salvador e Lívia Salvador Geo

Falar de Outubro Rosa é falar de um movimento que ultrapassa o calendário. A cor que toma as ruas e hospitais durante esse mês é, antes de tudo, um lembrete: o cuidado com a saúde da mulher precisa durar o ano inteiro. Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA), o Brasil deve registrar mais de 70 mil novos casos de câncer de mama em 2025. Um número alto, mas que vem acompanhado de uma boa notícia: quando diagnosticado precocemente, o índice de cura ultrapassa 90%. A diferença está no olhar atento, no acesso à informação e no acompanhamento contínuo.

O autoexame das mamas é importante, mas não substitui a mamografia, nem o exame clínico realizado pelo médico.

O autoexame das mamas é um importante gesto de autoconhecimento, que ajuda a mulher a perceber o próprio corpo e identificar possíveis alterações. Mas, é importante reforçar que ele não substitui a mamografia, nem o exame clínico realizado por um profissional. A mamografia continua sendo o método mais eficaz para detectar o câncer de mama em estágios iniciais, antes mesmo de qualquer alteração ser palpável.

A recomendação da Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM) é que mulheres a partir dos 40 anos realizem o exame anualmente e, nos casos com histórico familiar ou fatores

de risco, o acompanhamento deve começar antes, com orientação médica individualizada.

A Rede Mater Dei de Saúde reforça esse compromisso diariamente. A campanha “Elas por Elas”, que colore de rosa todas as suas unidades neste Outubro, nasceu do desejo de ampliar a conversa sobre prevenção, acolhimento e redes de apoio. Mas o movimento vai além: ele convida cada mulher a olhar para si, a reconhecer a própria história e entender que o autocuidado não se limita a um mês. Cuidar é um gesto de todos os dias: nas escolhas

que fazemos, nas consultas que marcamos, nas pausas que permitimos.

O cuidado integral com a saúde feminina também envolve outras frentes importantes, como a prevenção do câncer do colo do útero — o terceiro mais incidente entre brasileiras e o quarto que mais causa mortes. Felizmente, esse é um tipo de câncer evitável e tratável quando descoberto cedo. O rastreamento regular e o exame de DNA do HPV, mais sensível e preciso, são aliados poderosos na detecção precoce. Consultar-se regularmente é uma forma de conhecer o próprio corpo e garantir que a prevenção esteja sempre em dia.

Considerações sobre gênero

Falar de cuidado é também reconhecer a diversidade de quem precisa dele. As campanhas de saúde devem incluir todas as pessoas que possuem tecido mamário (mulheres cis, mulheres trans e homens trans que, em alguns casos, também necessitam de acompanhamento especializado). Segundo estudo da *University Medical Center*, em Amsterdã (2019), o câncer de mama tem 47 vezes mais chances de se desenvolver em mulheres trans do que em homens cisgêneros. Para homens trans, o risco diminui em casos de mastectomia masculinizadora, embora o tecido mamário remanescente ainda possa desenvolver a doença.

Mulheres trans em uso de hormonioterapia estrogênica exigem atenção especial, com avaliação individualizada do risco e rastreamento quando necessário. Pensar em gênero em campanhas e protocolos de prevenção é fundamental para garantir acesso equitativo ao cuidado.

O Outubro Rosa é, portanto, um marco simbólico, mas o rosa não precisa “desbotar” quando o mês termina. Ele pode permanecer nas atitudes cotidianas, nas consultas de rotina, nos lembretes entre amigas e, principalmente, na consciência de que o cuidado é uma construção contínua. Porque cuidar de si é um gesto de amor. E o amor, quando compartilhado, se transforma em vida.



Anna Dias Salvador

Mastologista e coordenadora de Mastologia da Rede Mater Dei de Saúde.



Livia Salvador Geo
Ginecologista



**Prevenir é um ato de amor
- com você e com quem
caminha ao seu lado.** Comece
hoje , com gestos simples, um
de cada vez.

Quero me cuidar por onde começar?

A prevenção começa muito antes dos exames. Ela nasce nas escolhas que fazemos todos os dias – no cuidado com o corpo, na atenção com a mente e no carinho com a nossa própria história.

Ter uma rotina saudável é um gesto de amor que fortalece não só o físico, mas também o emocional, e ajuda a reduzir o risco de desenvolver o câncer de mama e tantas outras doenças.

Cuidar do corpo é cultivar hábitos simples: manter uma alimentação equilibrada, com mais alimentos naturais e menos ultraprocessados; praticar atividade física de forma regular; e manter o peso corporal adequado. Também é importante evitar o consumo de álcool e o tabagismo, fatores que aumentam o risco de câncer. Dormir bem, respeitar os limites do corpo e fazer pausas durante o dia são atitudes que parecem pequenas mas fazem grande diferença.

Mas a saúde não se resume ao corpo, ela também mora na mente. O estresse constante, a ansiedade e a falta de tempo para si podem enfraquecer nosso bem-estar. Por isso, cuidar da sua saúde emocional é tão importante quanto os exames de rotina. Reserve momentos para relaxar, praticar atividades que tragam prazer, conversar com pessoas queridas e, se necessário, buscar apoio profissional. O equilíbrio mental é parte essencial da prevenção. E claro: consultas regulares com o mastologista e exames de rastreamento completam esse cuidado.



A mamografia é o exame mais eficaz para detectar precocemente o câncer de mama e deve ser feita anualmente a partir dos 40 anos, ou antes, se houver histórico familiar.

Conhecer o próprio corpo, observar mudanças e procurar orientação médica ao notar algo diferente também são passos fundamentais.

Na campanha Elas por Elas, queremos lembrar que ninguém precisa fazer isso sozinha. O autocuidado também pode começar como um gesto individual, mas ganha ainda mais força quando é compartilhado. Incentivar uma amiga a marcar o exame, trocar experiências ou simplesmente conversar sobre saúde, tudo isso também é prevenção.

Tenho câncer. E agora?

Receber um diagnóstico de câncer de mama assusta, traz dúvidas e um turbilhão de sentimentos. **Mas é importante lembrar: você não está sozinha.**

Hoje, os tratamentos são cada vez mais eficazes e, quando o câncer é descoberto cedo, as chances de cura são muito altas. A informação e o cuidado caminham juntos – e entender cada etapa dessa jornada ajuda a transformar o susto em esperança.

O primeiro passo é compreender o diagnóstico e conversar com os profissionais que vão te acompanhar. **Cada caso é único, e o tratamento é planejado especialmente para você.** Nessa caminhada, você será cuidada por uma equipe multidisciplinar: médicos mastologistas e oncologistas, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos assistentes sociais e outros profissionais que, juntos, olham para você de forma integral.

Enquanto a medicina trata a doença, essa equipe cuida de você (do corpo, da mente e das emoções). É um cuidado que escuta, orienta e acolhe, porque tratar o câncer é também cuidar da vida.

Durante o tratamento, é comum sentir-se vulnerável, mas é aí que o apoio faz toda a diferença. Permita-se estar cercada por quem te ama: família, amigas, colegas e outras mulheres que também enfrentam essa jornada.

A rede de apoio feminina é um refúgio de afeto, força e compreensão. Falar o que sente, aceitar ajuda e dividir o caminho torna tudo mais leve.

Na Rede Mater Dei, cada detalhe foi pensado para caminhar ao seu lado. Além do cuidado médico especializado, promovemos rodas de conversa, grupos de apoio e espaços seguros de escuta, onde histórias são trocadas e experiências compartilhadas. É “Elas por Elas” em sua essência: mulheres apoiando mulheres, transformando medo em coragem e esperança em realidade.

Os avanços da medicina possibilitam tratamentos menos agressivos e resultados cada vez mais positivos. A reconstrução mamária, por exemplo, é um direito garantido por lei e pode ser feita no mesmo momento da cirurgia ou depois, conforme a orientação médica. Esse procedimento é parte importante do cuidado com a autoestima e com o bem-estar.

Respire. Caminhe um passo de cada vez. Você não está sozinha. O câncer de mama tem tratamento, chances de cura e, acima de tudo, tem cuidado. E quando esse cuidado é compartilhado (entre profissionais, família e amigas) ele se transforma em força, esperança e vida.

Você tem direitos

O paciente oncológico tem direitos sociais que ajudam a garantir segurança e qualidade de vida durante o tratamento: saque do FGTS e PIS/Pasep, auxílio-doença, aposentadoria por invalidez, tratamento fora do domicílio pelo SUS, isenção de impostos em algumas situações e passe livre no transporte público. **O Serviço Social da Rede Mater Dei pode orientar sobre cada benefício e te ajudar a acessá-los.**



Equipe multidisciplinar

Desde o diagnóstico até o tratamento, profissionais de diversas especialidades estão envolvidos no cuidado.

Conheça esse super time!

Por Renata Capanema Saliba Franco

A **Mastologia** é a especialidade médica que estuda, previne, diagnostica e trata o câncer de mama. Junto a uma equipe multidisciplinar, composta por outros especialistas médicos e demais profissionais da área da saúde, visa planejar e proporcionar o cuidado individualizado e o melhor tratamento para cada paciente diagnosticada com a doença. Os casos são discutidos em equipe, e cada profissional é responsável por elaborar suas estratégias baseadas em evidências científicas. A paciente é sempre o centro do cuidado.

Com o apoio da **Radiologia** e dos especialistas em imagem da mama, é realizado o diagnóstico do câncer de mama. Essa etapa, que se inicia com uma mamografia alterada, pode se estender a ultrassonografias, tomografias, ressonâncias e até PET-CT, sempre com o objetivo de estabelecer a extensão da doença nas mamas e também fora delas.

A **Anatomia Patológica** exerce papel fundamental no diagnóstico do câncer de mama e na definição precisa do subtipo da neoplasia, fornecendo informações essenciais para que a Oncologia Clínica determine a melhor estratégia medicamentosa — como hormonioterapia, quimioterapia ou uso de drogas-alvo — em cada caso.

O Mastologista, junto ao **Oncologista Clí-**

nico e ao Radio-oncologista, planeja o tratamento com base no controle locorregional do câncer de mama, definindo se há necessidade de iniciar o tratamento medicamentoso antes da cirurgia (neoadjuvante), bem como a extensão necessária da cirurgia e da radioterapia na mama e nas axilas. **A Cirurgia Plástica** pode ser envolvida no processo

de reconstrução mamária quando indicada a mastectomia, ou ainda quando houver necessidade de simetrização das mamas ou de refinamento estético após o tratamento.

Durante a cirurgia, a **Medicina Nuclear** desempenha papel importante na marcação da lesão mamária a ser tratada e dos linfonodos axilares, nos casos em que for necessária a abordagem axilar.

Em mulheres jovens com câncer de mama, a **Reprodução Humana** é fundamental para a preservação da fertilidade, possibilitando uma gestação futura àquelas pacientes que assim desejarem. Já em mulheres idosas, a **Geriatria** é essencial para a compreensão das demais condições de saúde que exigem atenção durante o tratamento. Independentemente da faixa etária — e com importância igualmente fundamental —, a Ginecologia deve acompanhar toda mulher em tratamento do câncer de mama, proporcionando cuidados específicos para sintomas genitúrnios e climatéricos que possam surgir.

Um cuidado individualizado de primeira linha, que acompanha as pacientes em toda a jornada, do diagnóstico, tratamento e pós-tratamento.



Até 19 especialidades podem estar envolvidas no tratamento do câncer de mama.

A **Cardiologia** deve acompanhar a paciente em risco de ter a função cardíaca prejudicada pelos medicamentos ou pela radioterapia durante o tratamento do câncer de mama. Da mesma forma, essa especialidade define com segurança a intensidade da atividade física recomendada para cada etapa do tratamento.

A **Nutrologia** oferece suporte especializado, controlando efeitos gastrointestinais que possam ocorrer e auxiliando no manejo de distúrbios nutricionais pré-existentes ou agravados pelo tratamento do câncer de mama.

Para mulheres jovens com diagnóstico de câncer de mama, para aquelas com histórico familiar da doença ou de outros tipos de tumores, o **Oncogeneticista**, por meio do aconselhamento genético, investiga se há alguma causa genética ou hereditária para essa condição. A Oncogenética atua também de forma preventiva, direcionando o rastreamento de neoplasias de alto risco específicas para cada mutação genética, orientando sobre cirurgias redutoras de risco e avaliando se as mutações estão presentes em outros membros da família da paciente.

Na composição da equipe multidisciplinar, outros profissionais da área da saúde também se destacam. A atuação da **Psicologia** é fundamental como suporte emocional, acolhendo e auxiliando a mulher nas diferentes etapas do processo de diagnóstico e tratamento do câncer de mama, bem como no enfrentamento das inseguranças e medos.

O **Educador Físico** tem papel importante na orientação e estímulo à prática de atividade física, amenizando eventuais sintomas do

tratamento e promovendo melhoria do estilo de vida da mulher.

A **Nutrição** auxilia no suporte alimentar, minimizando o impacto dos efeitos colaterais do tratamento e promovendo hábitos alimentares saudáveis. A Enfermagem, além de seu papel assistencial na administração de medicamentos, exerce importante função de acolhimento e, por meio da navegação, garante que a jornada da paciente ocorra da melhor forma possível. A Fisioterapia atua na prevenção e no tratamento do linfedema — um dos riscos mais temidos da abordagem cirúrgica axilar e da radioterapia. Já a Terapia Ocupacional e o Serviço Social oferecem apoio essencial à qualidade de vida e à garantia dos direitos da paciente com câncer.

A interação entre todos os membros da equipe multidisciplinar assegura uma linha de cuidado individualizada, detalhando as ações necessárias em cada etapa do diagnóstico, tratamento e vigilância após o tratamento do câncer de mama. A boa comunicação entre as especialidades organiza as condutas e proporciona à paciente a segurança e a tranquilidade de estar sendo cuidada da melhor maneira possível.



Renata Capanema Saliba Franco

Mastologista e Coordenadora da Residência Médica e Especialização em Mastologia da Rede Mater Dei de Saúde.

Desmistificando a Quimioterapia

A quimioterapia ainda carrega muitos medos e tabus — mas, na verdade, é uma grande aliada no tratamento do câncer. **Vamos esclarecer alguns mitos?**

Por Cleydson Santos

“Quimioterapia é veneno”

Na verdade, é um medicamento que age interrompendo o crescimento das células doentes, ajudando o corpo a se curar. A dose é sempre calculada com cuidado para fazer o bem com o mínimo de efeitos colaterais.

“Ela destrói as células boas”

A quimio afeta mais as células que se multiplicam rápido — como as do cabelo e da pele —, por isso surgem alguns efeitos. Mas o alvo principal são as células malignas.

“Todo câncer precisa de quimioterapia”

Nem sempre! Em casos iniciais ou menos agressivos, outros tratamentos podem ser suficientes.

“A quimio vem depois da cirurgia”

Em alguns casos, ela é feita antes da cirurgia para reduzir o tumor — é a chamada quimioterapia neoadjuvante.

“Meu cabelo vai cair”

Alguns medicamentos causam queda capilar, outros não. Hoje existem recursos, como a crioterapia capilar (touca gelada), que ajudam a preservar os fios. **E, sim, o cabelo volta a crescer depois do tratamento!**



“Vou passar muito mal”

Atualmente, há ótimos remédios contra enjoos e outros desconfortos. A quimioterapia é cada vez mais bem tolerada e pode ser feita com segurança.

“Nunca mais vou poder ter filhos”

Nem todos os tratamentos causam infertilidade. **Além disso, é possível congelar óvulos antes de iniciar a quimio.**

“Vou ficar muito debilitada”

Os protocolos são ajustados à condição de cada pessoa. Muitos pacientes seguem suas rotinas normalmente e enfrentam o tratamento com qualidade de vida.

“Minha imunidade vai despencar”

Pode haver queda nas defesas, mas com cuidados simples de higiene e prevenção, é possível se proteger bem — sem precisar viver isolado.

“Tratamentos alternativos são melhores”

O câncer é complexo e exige terapias testadas e comprovadas cientificamente. Abordagens complementares podem ser usadas, desde que com orientação médica.



“Quimioterapia é contagiosa”

De jeito nenhum! O paciente não transmite nada e pode conviver normalmente com a família, amigos e pets.

“Quem faz quimioterapia está em fase terminal”

Nada disso! **A quimio pode ser usada em diversas fases do tratamento — até mesmo para prolongar a vida com qualidade.**

Em resumo: a quimioterapia não é um inimigo, mas uma ferramenta poderosa para devolver saúde e esperança. Informação é o melhor remédio contra o medo.



Cleydson Santos

Oncologista do Hospital Mater Dei Salvador

a voz que fala rosa



04 Histórias, 04 lutas
e muita inspiração.

Renata Mazzei

Renata Mazzei aprendeu que a vida não espera. Entre diagnóstico, fé e gargalhadas, transformou o câncer em ponto de virada — e o medo, em força compartilhada. **Sua história vibra e contagia.**

Tem gente que vibra. Que afugenta os fantasmas na gargalhada. Gente como a Renata, que se define guerreira, forte, corajosa. Uma mulher assim, com M maiúsculo. Ela viveu perdas femininas para o câncer, perdas sensíveis, a mãe e tia. Mas seguiu, determinada e altiva, mãe, mulher, amiga. Em 2024, com 39 anos, um pequeno nódulo a tocou. Em um daqueles seios que, um pouco antes, jorraram o leite para Caetano. Um primeiro resultado a tranquilizou, um equívoco que uma dengue sinalizou que precisava avaliar melhor. Para uma mulher que encara a vida com intensidade, ela encontrou essa mesma urgência no atendimento hospitalar da Rede Mater Dei. A equipe veio em bando, escancarou a urgência, a pôs no foco e a acolheu. Era sua vez de se cuidar.

Os enfrentamentos vieram em camadas. Ela fez planos, os quantificou. Mas, os tratamentos oncológicos, a exemplo da vida, não são lineares. Ganhou peruca e lenço, comprou lace, mas adotou a careca. Previu mal-estar na quimio, mas passou bem. Imaginou o peito novo com o expansor, mas ainda não rolou. Se em algum tempo teve dúvidas, está em remissão. Renata é comunicativa: muitos pontos de exclamação, nada de taciturnos pontos finais. Usou a rede social como diário para falar da jornada, externar os medos, compartilhar momentos e celebrar vitórias. Usou a dor, a care-

ca e o processo como meio de empatia. Cura era sua palavra mantra. Sua fé a moveu.

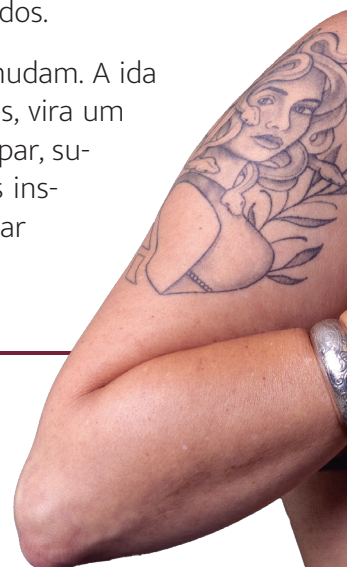
Ri enquanto fala, não para camuflar a dor, mas por ser seu único jeito de existir. Ri por si. Ri pelo esposo, Rafael, que mimetizou com ela até os sintomas. Ri por Caetano e seus lindos cabelos crescidos. Fala sem pudores dos desafios femininos, das neuras do corpo, da mudança no sexo. Traz na fala os prazeres simples, como a saudade do sushi, que ardiam a falta.

Embora as ausências familiares lhe sejam sentidas, ela fez elos novos entre tantas pessoas. Uma em especial, a dindinha, foi a sua pessoa, a figura amiga e feminina presente em mais de 15 anos de amizade e em toda essa nova jornada.

Renata não guarda o ânimo para si. Ela corteja outras com sua vitalidade, visita os boxes de tratamento distribuindo apoio e esperança. Decretou terapia em casa pra todos. Câncer é coisa que se vive, sofre, luta, enfrenta juntos, cada qual a sua maneira, mas unidos.

Algumas coisas voltam, outras mudam. A ida ao boteco, tão comum nas Gerais, vira um outro *hobby* bem mineiro. Acampar, subir a Serra do Cipó, despertar os instintos na geleira da cachoeira. Estar assim, viva, plena, entre os seus.

Renata Mazzei tem 40 anos, é paciente da Rede Mater Dei de Saúde, da Dra. Thaís Paiva, mastologista e Dra. Renata, oncologista. Ela faz parte do movimento “Elas por elas”, transformando sua própria história em estímulo para outras mulheres como ela.



Renata é

comunicativa:

muitos pontos de
exclamação, nada
de taciturnos
pontos finais.



Célia Nascimento

Célia, a mineira de Beagá com alma de mar, enfrentou o câncer com fé, leveza e sorriso. **Faz do tratamento uma travessia e da própria história, um abraço para outras mulheres.**

Célia é a mineira de Beagá que carrega no sangue e na vivência as montanhas de Minas e o mar capixaba. Esse mar — que é paixão e saudade — demonstra que a vida tem suas marés: às vezes calmaria, às vezes tempestade.

Celinha, como é carinhosamente chamada pelos que a conhecem, é dessas mulheres de casa cheia, que perfumam os cômodos com o cheiro do churrasco e abrem a mesa — e a vida — para os amigos.

Em 2024, vivia seu próprio luto: enfrentava a partida do pai, que lhe ensinou o amor pelos pescados e pela maresia. “Mar calmo não faz bom marinheiro”, já diz o ditado. E foi cumprindo o dito popular que um caroço na axila a levou ao médico. Às vésperas dos 50 anos, o que parecia inexpressivo revelou-se intrusivo: um câncer de mama.

Se o tempo de dor não lhe deu trégua, Celinha retribuiu com fé, alegria e propósito. Afirma, sem lamento e com absoluta convicção: “O câncer não é minha vida, mas faz parte da minha história.”

Ser positiva, entretanto, não apaga a jornada — e a de Celinha não foi pouca coisa. No tratamento oncológico, cada trajetória é única. Do primeiro toque ao momento atual, ela realizou 16 sessões de quimioterapia, radioterapia, enfrentou uma anemia, passou por mastectomia, tratou uma esofagite séria, descobriu e curou uma leishmaniose visceral, esteve internada.

Ainda assim, define-se como uma mulher apaixonada pela vida, livre e independente.

A trilha entre o diagnóstico e o tratamento é desafiadora, mas não é um fim.

Mude o ângulo: no lugar dos acometimentos em saúde, descubra força, amizade, acolhimento, crescimento. O apoio vai surgindo — aqui, ali, em todo lugar.

Celinha compreende a técnica e a ciência que envolvem cada profissional de saúde, cada procedimento e medicamento, mas guarda no peito a delicadeza dos gestos: o apoio encorajador em forma de abraço, o “olá” do seu Carlos, o porteiro, o impulso da Dra. Mariana e da Dra. Renata.

Durante o processo, compreendeu que é possível responder com clareza a quatro perguntas essenciais: Quem é Deus? Quem é você? Quem é sua família? Quem são seus amigos?

Perguntas fundamentais do viver, que só uma confrontação tão grandiosa permite.

Ela se vê feliz por sua fé transformadora — por entender que não tem câncer, mas está com câncer. Que o tratamento é deserto, e o deserto é lugar de travessia, não de morada.

Em seus enlances com o Deus em quem crê e no qual descansa, pediu apenas uma coisa: que nada lhe roubasse a alegria.

Fez do diagnóstico um propósito e uniu-se a outras mulheres em um grupo que chamou de *Oncofriends*, para oferecer o apoio que só quem vive entende.

Conversando com Celinha, é possível afirmar: suas preces foram atendidas. Sua alegria não apenas sobreviveu — floresceu.

Célia Regina Nascimento Lima tem 51 anos, é colaboradora da Rede Mater Dei de Saúde, onde realiza todo o seu tratamento e integra o movimento “Elas por Elas”.



Faz questão de deixar registrada sua gratidão a uma imensa rede de apoio que se manifesta em sua vida por meio de presenças, gestos e palavras. Hoje, a própria Célia é rede de apoio para outras mulheres.

Agradecimentos por Célia

“São muitos os agradecimentos à equipe de saúde e a toda a equipe hospitalar, cujo zelo e humanidade me mantiveram de pé.

Destaco o carinho das médicas Dra. Mariana Mitraud, mastologista; Dra. Renata Arruda, oncologista; Priscila Rabelo, nutróloga; Priscila Leo, hematologista; Vanessa Gomes, cardiologista; e Melissa Soares, clínica médica.

A equipe de trabalho também foi de uma lindeza de espírito — foi chão quando ele me faltou.

Aos meus irmãos, à Du e a cada um dos meus amigos que não soltaram a minha mão: o amor de vocês me fortaleceu.”



Ermita Xavier

Entre o calor do diagnóstico e o frio do medo, Ermita encontrou abrigo na fé. Hoje, sua história ilumina caminhos e lembra: **coragem também é dom de quem ama a vida.**

Com 16 anos, Ermita deixou as praias de falésias do Prado, no interior da Bahia, para estudar em Belo Horizonte. Trocou o azul pelo verde, enfrentando os anseios de uma mudança tão grandiosa. Não voltou.

No encontro com o amor, ancorou a vida entre as montanhas mineiras.

Trouxe consigo os cachos fartos com mechas douradas — marca registrada que lhe rendeu o carinhoso apelido de Leãozinho.

Em 2025, de uma volta no mar baiano, o calourão pré-menopausa no corpo, um quente no seio, um tumor de mama, um frio de medo no peito. Cada um reage à sua maneira. Em um ano, regular em suas avaliações, um susto de 9cm. Da negação à aceitação, uma jornada. Muitos lutos diante da reflexão sobre a finitude da vida. Muitos enfrentamentos sobre a própria vulnerabilidade. Muito aprendizado sobre o que importa.

No meio do processo, o que cada uma vive é pessoal. Ermita, a Mi, lembra a sensibilidade da Dra. Renata ao lhe ofertar uma peruca de cachos. É mais que um ato médico, é enxergar no outro, no humano à sua frente, o que importa.

Houve dor, houve revolta, houve conflito, houve temer os espelhos - aquele que mostra a face, aquele que escancara dentro. Mas, Ermita, suplantou a dor, enfrentou tratamento, perseverou na faculdade, contemplou o filho,

se apoiou no marido e seguiu. Em um dos seus dias mais intensos, reencontrou ânimo na forma de caldinho de cará. Manjar de afeto e de cura. Já perto de se formar em Psicologia, se descobriu em um papel singular de quem estuda e quem vivencia. De ser a prática da teoria.

Ouiu da Palavra do seu Deus: “Não temas porque Eu sou contigo.” E acolheu. Conciliou, enfim, em si, a Ciência - por que Deus ca-

pacita - com a chance de viver o sobrenatural, a fé em seu estado puro.

Ela entende, agora, que o outubro rosa é um ato de amor. Por si e por outras. Por ela, é o meio de transformar dor em propósito, em encorajamento para mulheres como ela se cuidarem.

Mi, Ermita, Leãozinho. Parafraseando Caetano, baiano como ela, “como é bom te ver caminhando sob o sol, tua pele, tua luz, tua juba.”



Ermita e o filho, Esdras, de 07 anos.

Ermita Ribeiro Lima Xavier tem 48 anos, é colaboradora da Rede Mater Dei de Saúde e recebe na rede todo o seu tratamento. Ela faz parte do nosso movimento “Elas por Elas.”

Já perto de
se formar em
Psicologia, se
descobriu em um
papel singular de
quem estuda e
quem vivencia.



Rebeca da Silva

Ela tropeçou no acaso e encontrou o essencial.
Rebeca transformou o diagnóstico em fé e **cada novo dia em milagre compartilhado.**

Um passo em falso. Uma pequena queda. Parte da história de Rebeca começa assim. Mas antes dessa, há outra história — capítulos que dizem mais sobre quem ela é: uma soma de pequenos e grandes detalhes.

Rebeca, a mulher bíblica, foi escolhida por Deus para Isaque, para dar continuidade à promessa feita a Abraão — a de prosperar sua descendência. Curiosamente, a infertilidade a marcou, até que uma oração de fé a fez gerar os gêmeos Esaú e Jacó.

A nossa Rebeca, contemporânea, é uma mulher falante e alegre que também roga pelos seus milagres. Aos 34 anos, entre um tropeço e uma cervicalgia, entre uma dor na perna e um nódulo suspeito, o diagnóstico assustador. Um tumor metastático de mama, sem avisos, sem história familiar, iluminando o PET- Scan com inúmeros pontinhos de incertezas. Rebeca já era mãe do pequeno Oliver, de 1 aninho, e de Alice, de 5. Rebeca já era a esposa de Maycon, a filha da Edineuza e do Giovane, a amiga da Jayma, da Sarah e da Mariana.

O inevitável choro veio junto com o marido, em um tempo a dois de aceitação mútua. Veio o clamor, não como a outra Rebeca que queria gerar filhos. Ela queria, ela pediu, o segundo gerir materno, aquele que cuida e prepara em vida as crias. O pedido não era pequeno, Rebeca absorve conceitos como metástase, palição e concilia com fé, força, superação e leveza. Vai abrindo a mente para o hoje, esse único agora que nos pertence, se apropria da pausa, se delicia com os momentos simples,

afaga as crianças, fecha os olhos para sentir melhor o cheirinho do café.

Foi difícil crer na alegria estranha de viver o melhor momento naquele que poderia ser o pior. A mineirinha, nascida e criada em Belo Horizonte, falante, cristã, vê no processo a mão de Deus. Entende o cuidado médico, o apoio amigo, a ciência e o tempo, como algo a serviço de um bem maior.

04 meses e datas que ela rememora de cor. Remédios de primeira linha a serviço do combate à dor e do avanço da metástase, era o que esperava, talvez o que clamava. Mas a resposta de Rebeca atende pelo nome de remissão. Apagaram no PET- Scan os pontinhos iluminados, acendeu no coração um enorme sorriso de luz e gratidão.

Ela caminha com muitos, sempre sustentada pelos irmãos de fé. O apoio nasce em casa, onde seu marido e a mãe assumiram a rotina, quando seu corpo fatigou. Ou na oração paterna, que fortalecia a fé. Sem falar nas amigas, primas e tias. Na Du, Martha, Thalita, Ju, Sara e em todas as *Oncofriends*, irmãs de jornada.

O tal carcinoma ductal invasivo luminal B, grau 3, estágio 4, vilão de nome complexo, lutou contra heróis com farmaconomes: Ribociclib, Letrozol, Zoladex e Zometa. Anda perdendo. Já Rebeca, segue cantando, fazendo cestas de presentear afetos, rimando versos com voz de fé. “Encontro paz, descanso, enfim, encontro ali, minha esperança pra viver.”

Rebeca Caroline Martins da Silva tem 34 anos e teve seu diagnóstico em fevereiro deste ano. É paciente da Dr. Renata e de Dra. Mariana, além de toda uma equipe que, segundo ela, a fez sentir-se cuidada e segura — mesmo diante dos cenários mais desafiadores. Ela é parte do nosso movimento “Elas por Elas”.

A woman with dark hair, wearing a white t-shirt and blue jeans, is sitting on a wooden chair. She is smiling and looking upwards and to the left. She has a gold bracelet on her right wrist and a ring on her left hand. Her jeans are rolled up at the ankles, and she is wearing brown sandals. The background is a solid dark grey.

Mas a resposta de
Rebeca atende pelo
nome de remissão.
Apagaram no PET-
Scan os pontinhos
iluminados, **acendeu**
no coração um
enorme sorriso de luz
e gratidão .

Reconstruir-se: uma história feita por mãos que ousaram criar

Reconstrução mamária é mais do que técnica: é ato de reinventar-se. Trata-se de devolver à mulher não apenas forma, mas sentido. A seguir, uma viagem pelas décadas em que a cirurgia e a identidade feminina se encontraram.

Por Leonardo Novais Dias

I. A radicalidade de Halsted e o preço da cura

No final do século XIX, o câncer era enfrentado com ferocidade — ele precisava ser extirpado por completo, custe o que custasse.

Em 1882, **William Stewart Halsted** realizou a primeira mastectomia radical, removendo a mama, os músculos peitorais e os linfonodos da axila. Em 1894, publicou uma série de cinquenta casos com essa técnica, consolidando-a como padrão cirúrgico.

A estratégia de *Halsted* reduziu significativamente as recidivas locais, estimadas em cerca de 7%, muito abaixo das abordagens



anteriores. Mas foi uma vitória com custo alto: a técnica era profundamente mutiladora e permaneceu vigente por quase meio século como norma.

Halsted, aliás, posicionava-se firmemente contra qualquer reconstrução imediata — acreditava que reparar o mesmo local da mastectomia poderia interferir no controle da doença.

II. As guerras, os retalhos e o novo olhar

Enquanto o tratamento oncológico seguia intenso, o mundo enfrentava duas guerras mundiais que deixaram milhões de mutilados. Foi nesse contexto extremo que a cirurgia reparadora expandiu fronteiras. Médicos passaram a experimentar técnicas de retalhos e enxertos para reconstruir faces, membros, paredes torácicas e mais — ensinando à cirurgia oncológica um caminho que iria além da remoção.

Em 1896, o cirurgião italiano *Iginio Tansini* descreveu o uso do retalho miocutâneo do músculo grande dorsal para fechar defeitos

após mastectomia. Posteriormente, em 1906, revisitou a técnica, incluindo o músculo na proposta e fortalecendo sua aplicabilidade.

Esse retalho, nas décadas seguintes, se consolidou como base da reconstrução mamária clássica — especialmente quando os implantes ainda eram distantes ou imprecisos.

Com o progresso da microcirurgia, nas décadas de 1970 e 1980, tornou-se possível transferir tecidos distantes (como do abdômen) com anastomoses vasculares minuciosas — elevando substancialmente o patamar das reconstruções corporais, inclusive da mama.

III. O corpo, o movimento e a autonomia feminina

A reconstrução mamária caminhou junto com as lutas das mulheres por visibilidade e autonomia:

A segunda onda do feminismo (anos 1960–70) levantou a bandeira do corpo como território de liberdade, questionando normas que ditavam como a mulher deveria ser.

Nesse momento, surgiram as primeiras próteses de silicone, oferecendo uma solução prática: devolver a forma com rapidez. Contudo, a prótese jamais imitava o tecido vivo — sofria rupturas, contraturas e exigia trocas ao longo da vida.

Com o florescimento das terceira e quarta ondas, emergiu o desejo por reconstruções que fossem não só técnicas, mas autênticas — escolhas conscientes da mulher, respeitando seu corpo, sua história e seu tempo.

Reconstruir deixou de ser meta obrigatória e tornou-se uma opção digna, um direito real de escolha.



IV. Transição para o natural: técnicas modernas

A partir da segunda metade do século XX, com melhor domínio anatômico e vascular, e com o refinamento da microcirurgia, as reconstruções com tecidos próprios (autólogos) ganharam espaço.

Técnicas como o *TRAM flap* (transverso do reto abdominal) e, posteriormente, o *DIEP flap* (*deep inferior epigastric perforator*) emergiram como alternativas que preservam o músculo e proporcionam resultados mais naturais.

A reconstrução com tecido autólogo apresenta vantagens decisivas: é viva, responde às mudanças de peso, envelhece com o cor-

po e reduz a dependência das revisões que as próteses exigem.

Hoje, a cirurgia é planejada por imagem digital; o vaso perfurante é mapeado e o retalho, moldado com precisão, suavizando transições com lipoenxertos locais.

O objetivo: uma mama que se pareça com o corpo da mulher, e não com uma peça colocada.

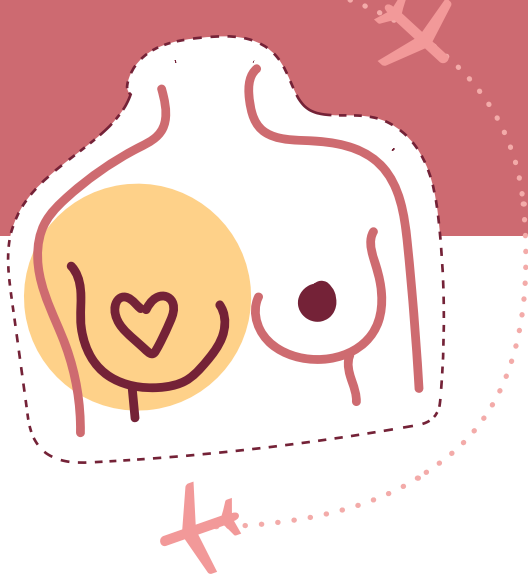
No horizonte, a engenharia de tecidos, os biomateriais e as células-tronco sugerem reconstruções geradas na própria paciente, com potencial biológico total.

V. Direito, acesso e desafio

Com o tempo, a reconstrução deixou de ser “acessório” e tornou-se direito. Vários países instituíram leis obrigando planos de saúde e sistemas públicos a cobrir o procedimento após a mastectomia.

No Brasil, desde o final dos anos 1990, há respaldo legal para a reconstrução mamária. Mas a realidade difere da letra da lei: muitas mulheres desconhecem esse direito; outras esbarram em filas, falta de especialização ou indisponibilidade regional.

Portanto, reconstruir também é reivindicar igualdade em saúde.



VII. Reconstruir é reinventar-se

Ao longo de mais de um século, a reconstrução mamária percorreu um caminho extraordinário — das mastectomias radicais de *Halsted*, passando pelos retalhos nascidos da guerra, até as microcirurgias altamente individualizadas de hoje. Nessa trajetória, mulheres conquistaram voz, escolha e protagonismo.

Hoje, reconstruir é gesto de autonomia, não obrigação; é devolver ao corpo aquilo que a doença tentou roubar — não apenas a forma, mas a liberdade de olhar-se inteira.

Reconstruir não é apagar o passado, mas ressignificá-lo com força. É viver, com todas as cicatrizes — visíveis e invisíveis — como parte da própria história.

VI. O impacto além da técnica

Por trás de cada cicatriz, existe uma vida que lutou. A reconstrução não apaga o passado — ela lhe dá novo contorno.

É comum que, semanas após a cirurgia, a paciente vista uma peça simples e perceba: ela pode seguir. Esse instante traduz algo essencial: a sensação de que a doença não define mais seu reflexo no espelho.

A cicatriz pode permanecer, mas seu significado muda — de lembrança da perda para símbolo da superação.

E o corpo reconstruído deixa de ser “feito” para tornar-se parte legítima da mulher que o habita.



Leonardo Novais Dias

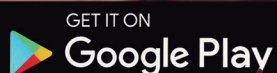
Mastologista e Coordenador de Mastologia do Hospital Mater Dei Salvador. Especialista em Cirurgia da Mama pela *European Society of Surgical Oncology*.

meu + MaterDei

Pensando em simplificar sua jornada, o **App Meu Mater Dei** surge como um aliado. Intuitivo, seguro e acessível, o aplicativo contém todas as ferramentas necessárias para otimizar o seu processo, desde sistemas para agendamento de consultas até o acompanhamento do passo a passo da sua cirurgia, de solicitações a liberações. O App também dispõe de uma aba para checar o resultado dos seus exames e fazer o *download* do arquivo caso necessário.

A Rede Mater Dei de Saúde preza por deixar a sua caminhada mais leve, e o aplicativo Meu Mater Dei tem tudo o que você precisa para seguir sem preocupações.

meumaterdei.com.br





O mapa do cuidado

A Rede Mater Dei oferece cuidado completo para a saúde da mulher, da prevenção ao tratamento, conduzida com precisão e sensibilidade: unindo tecnologia de ponta, equipe multidisciplinar e olhar humano.

Minas

O Serviço de Mastologia da Rede Mater Dei em Belo Horizonte está ativo desde 1986 e reúne uma equipe multidisciplinar de profissionais altamente qualificados que fazem o acompanhamento completo do paciente.

Os Hospitais da Rede dispõem de tecnologia de ponta para diagnóstico e tratamento das doenças da mama, como Ressonância Magnética 3 Teslas e a Mamografia Digital DR com opção da Tomossíntese (mamografia 3D).

O Serviço também conta com o pronto-socorro oncológico, localizado no Hospital Mater Dei Contorno. Além disso, o Centro Médico do Mater Dei Betim-Contagem oferece consulta eletiva para esse atendimento.

Os Serviços da Unidade de Mastologia são liderados por um médico mastologista e incluem uma equipe multidisciplinar de profissionais de saúde, como enfermeiros, radiologistas, patologistas, cirurgiões, oncologistas, radio-oncologistas, fisioterapeutas e psicólogos.

O parque tecnológico da Rede Mater Dei de Saúde possui máquinas para mamografia que foram premiadas. Os equipamentos *Senographe Pristina 3D*, *Hologic Selenia Dimensions* e *Fuji Amulet Innovality*, utilizados para a realização de mamografia, foram certificados pelo INCA (Instituto Nacional do Câncer, nas unidades Mater Dei Contorno, Mater Dei Santo Agostinho e Mater Dei Betim-Contagem, respectivamente.

Belo Horizonte e Região Metropolitana

Hospital Mater Dei Santo Agostinho

Referência em mastologia, diagnóstico por imagem e cirurgia mamária, com tecnologia de ponta e equipe multiprofissional.

Hospital Mater Dei Contorno

Unidade com pronto-socorro oncológico e exames de alta complexidade (mamografia 3D, ressonância 3T).

Hospital Mater Dei Betim-Contagem

Consultas eletivas e atendimento em mastologia, com integração direta ao Centro de Diagnóstico por Imagem (CDI).

Centro Médico de Nova Lima

Consultas especializadas em mastologia, com encaminhamento integrado para exames e cirurgias nas demais unidades da Rede.

Uberlândia

Hospital Mater Dei Santa Genoveva

Atendimento completo em mastologia, ultrassonografia, mamografia e ressonância magnética das mamas.

Hospital Mater Dei Santa Clara

Unidade com serviços em mamografia, biópsia e reconstrução mamária.

Goiás

Hospital Mater Dei Goiânia

Atendimento especializado em mastologia, ultrassonografia e ressonância.



O Jeito Mater Dei de Cuidar está presente em cada detalhe: do acolhimento à precisão diagnóstica, da consulta à recuperação

Bahia

Hospital Mater Dei Salvador

Unidade Especializada em Saúde Feminina contemplando Serviço de Mastologia com todos os recursos mais modernos para a prevenção, diagnóstico e tratamento das doenças da mama, equiparando-se, em termos de recursos tecnológicos, aos maiores centros da especialidade no mundo.

Estão disponíveis:

- Consultas em Mastologia
- Mamografia digital com estereotaxia
- Ultrassonografia mamária
- Ultrassonografia axilar
- Ressonância magnética
- Biópsias guiadas
- Laboratório de Análises Clínicas
- Laboratório de Anatomia Patológica
- Medicina Nuclear (incluindo PET-Scan)
- Cirurgia da patologia benigna e do câncer de mama
- Cirurgia de reconstrução da mama (cirurgia oncoplástica)
- Cirurgia estética da mama
- Radioterapia
- Oncologia Clínica
- Equipe multidisciplinar

Hospital Mater Dei EMEC

Unidade de referência no diagnóstico e tratamento das doenças da mama, com oncologia clínica e cirurgia mamária.





A Rede Mater Dei de Saúde agradece especialmente a participação das pacientes que integraram a campanha Elas por Elas, enriquecendo nosso conteúdo com seus depoimentos e estimulando outras mulheres para o autocuidado.

EXPEDIENTE

Projeto Gráfico e Diagramação:

APS COMUNICAÇÃO
Michael Lima

Textos:

Alessandra Passarinho, Hanna Andraus,
Paula Midlej, Árvore Assessoria de Imprensa

Colunas:

José Henrique Salvador, Ezio Novais, Henrique Salvador, Renata Capanema Saliba Franco, Cleydson Santos, Anna Salvador, Livia Salvador Geo, Leonardo Novais Dias.

Fotos:

Capa e internas: Dodô Villar
Pacientes: Sofia Cordeiro
Imagens *Halsted* históricas: Wikipedia

Apoio:

Netun Produções: Produção audiovisual
Stillus Biju: Acessórios
Letícia Garrido: Maquiagem

OUTUBRO DE 2025

Publicação da Rede Mater Dei de Saúde

RESPONSÁVEL TÉCNICO
FELIPE SALVADOR LIGÓRIO
CRM 58578

Diretoria

José Henrique Dias Salvador
Felipe Salvador Ligório
Renata Salvador Grande
Lara Salvador Geo
Márcia Fernanda Campos Barreto Sampaio
André Soares de Moura Costa

Comunicação e Marketing

Márcia Fernanda Campos Barreto Sampaio
Simone Novais
Adriana Heringer
Regiane Maria de Jesus Santos



www.materdei.com.br
www.materdei45anos.com.br



[@redematerdei](https://www.instagram.com/redematerdei)



[facebook.com/redematerdei](https://www.facebook.com/redematerdei)



[linkedin.com/company/redematerdei](https://www.linkedin.com/company/redematerdei)



[youtube.com/redematerdeidesaude](https://www.youtube.com/redematerdeidesaude)



x.com/redematerdei